

um ato inaugural, a “presença de espírito” – essa arte de captar o instante – revela que nada é menos certo que o sentido único das coisas. Mistério sem iniciação, o olhar requer memória e imaginação. À diferença do *segredo* que se desfaz no plano da comunicação – pois nasce do desejo não de proteger mas de criar o mistério –, o enigma retira sua força da tensão interrogativa que suscita. *Fisiognomia da metrópole moderna* trabalha entre o factual e o virtual. Nesse limiar (*Schwelle*) cintila o *kairós* que transforma “ameaça” em boa sorte, realizando as promessas decepcionadas de nossa vida e as da história universal. “A fada”, escreveu Walter

Benjamin, “graças à qual um pedido pode ser feito, existe para cada um de nós. Poucos são aqueles, porém, que conseguem se lembrar de um desejo ansiado; poucos, por isso, são os que, mais tarde, em sua própria vida, poderão reconhecer sua realização”.

A entrevista de W.B. a O.M. foi concedida à Rádio USP FM em 9 ago. 1994, programa “Enfoque”. O ensaio de O.M. foi publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 ago. 1994, caderno “Cultura”, p. 1-2.

# Bibliotecas infantis

## Um novo espaço de sedução

Nelly Novaes Coelho

Professora da Universidade de São Paulo

Domingos Guimarães de Sá, *À demanda do leitor: bibliotecas infantis e juvenis em Portugal – sentido de uma mudança*, Braga, Universidade do Minho, 1994.

Figura de intelectual, afincadamente dedicado à causa da leitura infantil e juvenil e aos estudos, pesquisas e projetos centrados nessa difícil área que é a das Bibliotecas Infantis, Domingos Guimarães de Sá (autor da exaustiva pesquisa *A literatura infantil em Portugal*) vem de lançar o substancial volume *À demanda do leitor*, que é mais um testemunho de seu incansável trabalho como Diretor, à frente da Biblioteca Infantil e Juvenil, integrada na Biblioteca Pública de Braga (Portugal), atualmente incorporada à Universidade do Minho (e que, em 1993, por convite de seu Diretor, Henrique Barreto Nunes, teve ocasião de visitar, conhecendo de perto o excelente trabalho de entrosamento desenvolvido entre Biblioteca e Escola).

Em feliz diagramação e atraente apresentação gráfica, com esclarecedoras fotos coloridas, este recente livro de Domingos Guimarães de Sá condensa os resultados de um labor de cerca de trinta anos, alimentado sempre por um antigo sonho, que (segundo palavra de Victor Manuel Aguiar e Silva na “Nota Proemial”) é “o sonho de criar, nas severas e frias bibliotecas herdadas do passado ou nas luminosas bibliotecas agora edificadas, um espaço de sedução destinado a chamar, a atrair e acolher o leitor de palmo e meio!”.

Há muito já que se vem impondo, no mundo moderno, essa idéia de que as bibliotecas públicas devem se transformar em acessível “espaço de sedução”, para captar o interesse dos seus usuários e torná-los partícipes do processo de integração livro – leitor. E

muito particularmente, tal idéia se aplica às bibliotecas infantis, destinadas especialmente às crianças e adolescentes. Isso porque tal “sedução” tem (ou deve ter) a sustentá-la um projeto educativo ou formativo de grande alcance: o de colaborar com os diferentes instrumentos do Ensino ou da Educação formalizada nas escolas, para a formação da personalidade global do educando.

Fruto desse ideal, a presente publicação de Domingos Guimarães de Sá oferece-nos uma valiosa súmula da situação das bibliotecas infantis em Portugal; bem como dados substanciais do Relatório de uma visita feita pelo autor, em 1983, a bibliotecas da Inglaterra e França; e no qual analisa o modelo britânico e o francês. Enfatiza no primeiro a importância da longa tradição que o sustenta e que lhe permitiu tornar-se o sistema-diretriz seguido pela França e outros países que o tomaram como modelo.

Nos quatro capítulos em que analisa a situação atual das bibliotecas portuguesas, o autor torna evidente que, para além dos maiores ou menores resultados práticos alcançados, há um projeto político-cultural em marcha: o de promover dinâmicas relações entre Escola – Família – Biblioteca, a fim de possibilitar a formação de um público leitor consciente, crítico e criativo (que descubra a leitura como uma aventura vital), sem o qual não é possível a formação de grupos humanos atuantes, capazes de acelerar o desenvolvimento econômico e social das diferentes regiões ou abrir novas perspectivas históricas para a nação.

No capítulo I, “A biblioteca infantil e juvenil – Um espaço pedagógico”, estabelecem-se as coordenadas básicas que dão sustentação ao pensamento do autor, quando defende a necessidade de entrosamento entre Escola – Família – Biblioteca. Nesse sentido (e a propósito do atual desinteresse geral pela leitura) começa por destacar o valor da descoberta e do prazer da leitura, desde a infância, como meio de enriqueci-

mento interior e conseqüente participação fecunda no grupo a que pertence. Prossegue com argumentação a favor do urgente fortalecimento das relações entre aqueles três setores básicos da sociedade, enfatizando o *significado pedagógico* (informativo e formativo) da leitura; a necessidade de serem criadas *condições ambientais* (condições socioculturais, afetivas e mentais) para o fomento do hábito de ler e, principalmente, a importância da Biblioteca Pública, “como fator alternativo e de reposição de uma certa igualdade de oportunidade, mas também enquanto fator de complemento, dando mais livre curso a uma leitura diferenciada e pessoalizada, como contraponto à leitura condicionada da escola” (p. 9).

As considerações desenvolvidas no capítulo II, “Bibliotecas infantis e juvenis em Portugal”, giram em torno dos problemas enfrentados, em Portugal, por aqueles que têm defendido a criação de Seções Infantis integradas em bibliotecas gerais. Claro está que, para além do empenho político e econômico indispensável à criação das *estruturas materiais* necessárias para tal, o verdadeiro funcionamento desse importante setor de promoção de leitura (e das atividades formativas subsidiárias) passa pela *formação de recursos humanos* habilitados para as novas tarefas; setor que, para ter continuidade, exige a *multiplicação e atualização* constante dos acervos, bem como o envolvimento com os *sistemas de comunicação de massa*, que se tornam cada dia mais sofisticados.

Enfim, em um mundo como o nosso em plena transformação de estruturas, todos esses passos são difíceis, morosos, quando não impossíveis (estamos pensando em termos brasileiros ou na América Latina em geral). É dentro desse quadro de instabilidade mundial que podemos avaliar melhor a situação altamente positiva do movimento de Bibliotecas em Portugal, segundo os informes minuciosos que nos oferece este livro de Domingos Guimarães de Sá.

Além do perfil das 181 bibliotecas que constituem a rede de Bibliotecas Fixas e Móveis, patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, e das 90 apoiadas pelo Instituto Português do Livro e da Leitura, a pesquisa de Domingos Guimarães de Sá registra os resultados de um Inquérito por ele feito entre bibliotecas pertencentes aos vários distritos do Continente e ao distrito de Funchal, na Ilha da Madeira. Das 62 bibliotecas que responderam ao Inquérito, 43 possuem bibliotecas infantis e juvenis, numa excelente relação percentual de 69%. Apenas duas bibliotecas são subsidiadas pela Fundação Gulbenkian; as demais pertencem às respectivas Câmaras Municipais, Instituições de Ensino Superior ou Juntas de Freguesia.

Através da cuidadosa análise dos dados recolhidos e que caracterizam a natureza e funcionamento de cada biblioteca, chega-se à conclusão de que em todas elas se desenvolvem projetos tendentes a envolver o leitor com os livros, num processo vivo de interação de idéias, emoções, prazer e participação consciente no meio a que pertencem. A esse respeito, conclui o autor: “Em suma, a promoção da leitura infantil e juvenil é uma tarefa gigantesca que a todos diz respeito: entidades públicas e privadas, escolares, para-escolares e outras. Também aqui o mécenato tem o seu papel. Mas a formação intelectual, cívica e moral do jovem português para ser equilibrado não pode alhear-se do seu enquadramento europeu e universal” (p. 62). (Acréscenariamos, a respeito desse necessário “enquadramento”, que, neste justo momento, quando parece crescer a vontade política de se constituir a Comunidade dos Sete Povos de Língua Portuguesa, é mais do que oportuno que nesse triplo espaço de formação, Escola – Família – Biblioteca, seja introduzida essa idéia como um projeto basilar de cidadania e de autoconsciência individual.)

Ao refletir sobre a necessidade e o sentido das mudanças que se fazem urgentes, atualmente, no campo das estratégias estimuladoras

da leitura, o autor (no capítulo III) condena as práticas autoritárias no dirigismo das leituras (próprias do sistema tradicional de ensino), mas reforça a necessidade e “a importância estratégica de uma *leitura orientada*” (p. 66).

Bem sabemos que tal problema vem sendo o “calcanhar de Aquiles” de quase todos os projetos de incentivo à criação de bibliotecas infantis (ou simples Seções de Literatura Infantil em bibliotecas gerais), pois são vários os fatores que se interligam para que se consiga algum sucesso. Entre eles, o autor destaca:

- a *definição dos espaços* a serem ocupados para a instalação desse acervo especializado, pois é certo que o bom funcionamento de bibliotecas depende da boa gestão dos espaços;
- a *manutenção* não só de um bom acervo de livros literários, mas também de um “fundo bibliográfico autônomo”, constituído de obras de consulta (obras teóricas sobre Psicologia Infantil, Psicologia do Adolescente etc.) que atendam “à curiosidade intelectual, científica, tecnológica, artística e ética da criança e do adolescente” e “outra, especializada, servindo bibliotecários, monitores e membros do Gabinete de Orientação”;
- as vantagens de *se alargar a rede* de bibliotecas infantis e juvenis, em âmbito nacional, e *diversificar as formas de extensão comunitária*;
- a necessidade de se *prepararem técnicos* que correspondam às características das diversas tarefas bibliotecárias, tais como bibliotecários especializados, agentes de animação cultural, monitores etc.

Com pequenas diferenças, são esses os fatores básicos que vêm sendo problematizados por bibliotecários ou analistas de todos os continentes (desenvolvidos, em desenvolvimento ou subdesenvolvidos), visando, cada qual dentro de suas circunstâncias, transformar a biblioteca num *espaço múltiplo* que seduza o usuário e o leve ao encontro do

mundo das palavras que são, afinal, as chaves do conhecimento da vida. Como disse Lucila Martinez:

A biblioteca pública e escolar seria uma porta de acesso a emoções, respostas, soluções, experiências gratificantes e prazer. (...) Está comprovado que o encanto contido, tanto no acesso a novas idéias quanto no domínio de conhecimento, serviços e recursos disponíveis, ou mesmo a abertura a maiores fantasias, são peças fundamentais para que o indivíduo, não importa a sua posição social, assuma um papel participativo e consciente dentro do processo de desenvolvimento social. É, enfim, um processo

de educação não-formal, estreitamente vinculado à busca de uma melhor qualidade de vida cotidiana.<sup>1</sup>

É essa a idéia-matriz deste recente *A demanda do leitor*, de Domingos Guimarães de Sá, e que muito tem a oferecer aos interessados nessa instituição vital para qualquer nação, que é a Biblioteca, e especialmente aquela destinada às crianças e adolescentes. É urgente que nos preparemos para formar os leitores de hoje – manipuladores e usuários da informação de amanhã.

São Paulo, 6 setembro 1994.

## Passeio pelos “seis passeios”

*Aurora Fornoni Bernardini*

Professora da Universidade de São Paulo

Umberto ECO, *Sei passeggiare nei boschi narrativi*, Milano, Bompiani, 1994; no Brasil: *Seis passeios pelos bosques da ficção*, trad. Hildegard Feist, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Repetindo o feito de Italo Calvino, que preparou suas *Seis Lições* para a Harvard University como se fossem um compêndio, aqui vem Umberto Eco, que também recebeu o convite, fazer o mesmo. O resultado não é a espécie de tratado literário (quase um testamento) que Calvino escreveu, mas um trabalho quase jornalístico que se lê de uma enfiada só – e dizer trabalho jornalístico, em se tratando de Eco, só pode querer ser elogio.

Contrariamente a Calvino, que tinha escolhido a Rapidez e a Precisão entre seus primeiros legados ao próximo milênio, Eco se fixa no tempo imperfeito de Gérard de Nerval, na encantadora *Sylvie* (existe a tradução brasileira da Rocco de 1986, na coletânea *Novelas Imortais* cuidada por Fernando Sabino), e elege a Imprecisão e a Demora (*Delectatio morosa*) como ambiência propícia, pelos procedimentos da composição literária, às peripécias do leitor ideal A ou B. A ambiência de *Sylvie*, que conforme diz Proust, outro leitor entusiasta, “está entre as palavras”, permite a Eco estabelecer uma série de interessantes paralelos entre os diferentes usos de tempo: tempo musical, tempo do encantamento, tempo da desilusão, tempo da factualidade (p. 50-3) ou o “cut to the chase!” da assim chamada “baixa literatura”.

Tempo inferencial e trocas de marcha, já agora em Manzoni, Flaubert e Proust, passando pela *cena* da *hard-boiled novel One lonely night*, de Mickey Spillane (p. 68-9), onde o tempo da fábula é isocrônico ao do discurso, e pelo *stretching* de *Casino Royale*, de Ian

1 *Biblioteca & escola criativa*, Petrópolis, Agentes & Autores & Associados, 1994, p. 27.